

1

Introdução

No final da década de setenta, o Programa Espacial norte-americano lançou ao espaço as sondas *Voyager 1* e *2*, com a missão de desbravar o sistema solar até o limite de Saturno. A transmissão à Terra de informações e imagens dos nossos vizinhos no universo apresentou-se, para um cientista da NASA, como a oportunidade de algo que transcendia a mera curiosidade científica. Carl Sagan intuiu que poderíamos ter uma boa perspectiva de nosso lugar no universo se, ao chegarem a Saturno, as sondas virassem suas câmeras para a Terra e capturassem uma imagem do nosso planeta visto de fora, como se visto por um outro habitante qualquer do Espaço. Isso implicou uma árdua luta de convencimento de seus pares, os quais não viam o propósito de uma imagem em que a Terra apareceria tão pequena e distante, nada além de um pixel, uma unidade de uma imagem de 640.000 elementos. A imagem, enfim obtida, foi reveladora.

“Look again at that dot. That’s here. That’s home. That’s us. On it everyone you love, everyone you know, everyone you ever heard of, every human being who ever was, lived out their lives. (...) The Earth is a very small stage in a vast cosmic arena. Think of the rivers of blood spilled by all those generals and emperors so that, in glory and triumph, they could become the momentary masters of a fraction of a dot. Think of the endless cruelties visited by the inhabitants of one corner of this pixel on the scarcely distinguishable inhabitants of some other corner, how frequent their misunderstandings, how eager they are to kill one another, how fervent their hatreds.(...) There is perhaps no better demonstration of the folly of human conceits than this distant image of our tiny world. To me, it underscores our responsibility to deal more kindly with one another, and to preserve and cherish the pale blue dot, the only home we’ve ever known¹”.

¹ “Olhe novamente para aquele ponto. É aqui. É o nosso lar. Somos nós. Nele, todos a quem você ama, todos aqueles que você conhece, todos de quem já ouviu falar, todos os seres humanos que já existiram, viveram suas vidas. A Terra é um minúsculo palco numa vasta arena cósmica. Pense nos rios de sangue derramado por todos aqueles generais e imperadores para que, em glória e triunfo, pudessem tornar-se os momentâneos senhores de uma fração de um ponto. Pense nas infinitas crueldades impingidas pelos habitantes de um canto sobre outros habitantes de outro canto quase indistinguível deste pixel; o quão freqüentes seus desentendimentos, o quão dispostos estão para matar uns aos outros e quão inflamados seus ódios. Não há, possivelmente, melhor demonstração da tolice das vaidades humanas do que essa imagem distante de nosso pequeno mundo. Para mim, ela revela nossa responsabilidade de lidar com o outro de forma mais gentil, e de

A imagem deste pálido ponto azul é precisamente aquilo que nos devolve à nossa humildade: humanos, uma coisa como outra qualquer no real. Ao nos oferecer a imagem da Terra como nada além um minúsculo ponto na vastidão do universo, Carl Sagan nos provoca duas reflexões aparentemente paradoxais: o quão pequenos somos em relação a tudo o que há, não havendo nenhuma razão para reclamarmos quaisquer privilégios em relação ao restante da natureza e, ainda assim, o quão privilegiados somos por, em toda essa imensidão de espaço, somente o nosso pequeno mundo ser – até aonde se conhece – o único palco da vida.

O presente trabalho busca oferecer esforços no sentido da compreensão da problemática da individuação ou daquilo que tão genericamente se define por natureza humana. Desta forma, esta dissertação desenvolver-se-á na trilha da filosofia moderna, dentro do recorte temático do século XVII, com o objetivo de analisar em que medida o homem constitui-se como um império dentro de um império ou, numa concepção totalmente diferente, uma coisa como outra qualquer, sem qualquer privilégio no mundo e que, em sua origem, não é racional ou livre. Na primeira concepção inscrevem-se a imensa maioria dos filósofos modernos, os quais tratarão do tema da individuação a partir de uma perspectiva antropocêntrica e racionalista. A segunda perspectiva será tratada a partir da *Ética*, de Baruch de Spinoza, o qual legou-nos um pensamento radicalmente criativo e inovador, singular na história da filosofia e que, muito embora se inscreva no cenário moderno, termina por crasear o vocabulário e temas da filosofia metafísica, reorientando-os, atribuindo-lhes novos significados e deformando-os.

No primeiro capítulo far-se-á uma sinalização das notas fundamentais da filosofia moderna, através da apresentação de conceitos e condições históricas que nos permitirão pensar e construir um plano de transcendência entre homem e natureza, homem e Deus, bem como estabelecer uma excepcionalidade da condição humana no mundo. Mais do que abordar a obra deste ou daquele pensador, será dado destaque, neste capítulo, aos temas recorrentes nas obras modernas, como os conceitos de Deus, transcendência, causalidade, infinito e a

preservar e cuidar do pálido ponto azul, o único lar que conhecemos” (tradução livre). Sagan, Carl. *Pale Blue*

relação entre corpo e mente. Com isso, objetiva-se evidenciar a construção da perspectiva racionalista como resposta à crise do Renascimento - crise religiosa, crise política, crise de perspectiva, enfim – na busca pela superação de uma era de incertezas.

No segundo capítulo será abordada a *Ética*, de Baruch de Spinoza, em especial as partes I e III, como forma de se fazer um contraponto à perspectiva racionalista. A partir da apresentação dos conceitos-chave da obra spinozana, como as noções de Substância, atributos e modos finitos, constrói-se um plano de imanência que impede que o homem seja destacado do real. Retirando o estatuto de centralidade deste na natureza, Spinoza destitui a razão de seu privilégio, condicionando-a a uma série de fatores, em particular aos encontros realizados pelos modos finitos na duração e a capacidade de formação das noções comuns a partir de uma comunidade corporal. É nesse sentido que ele opta pela denominação “essas coisas semelhantes a nós” ao invés de “homem”, termo demasiadamente genérico e incapaz de dar conta de uma infinidade de singularidades, numa clara recusa pelos universais.

O terceiro e último capítulo é o momento em que serão trabalhados elementos da teoria dos afetos, de Spinoza, como forma de resgatar, para estes, sua qualidade eminentemente subjetivadora. Com isso, opera-se um deslocamento da razão enquanto dado apriorístico, para mera eventualidade dependente dos variados encontros que o modo experimenta na existência (duração). Pode-se dizer que em Spinoza o pensamento não merece o verdadeiro, não há um verdadeiro lá fora à nossa espera ou uma ligação intrínseca entre o pensar e a verdade. Empirista que é, Spinoza desmonta a idéia de uma racionalidade prévia e, com ela, a sustentação de todo o racionalismo.

Pretende-se, portanto, com o presente trabalho, trabalhar uma concepção do humano em que haja um resgate do valor da experiência intersubjetiva a partir do conceito das noções comuns. Mais do que isso, sublinhar que o homem não goza de qualquer privilégio, nem no que concerne ao pensamento, nem à sua própria materialidade. E é a partir do pensamento de Spinoza que se abre essa

nova visão acerca da condição humana, que passa a ser uma condição marcada pela ignorância (das causas das coisas) e interesse vital (de perseverar na existência). Essas são as linhas de força que constituem o ser do homem, ou o mais próximo que se pode chegar de definir uma “natureza humana”.